

PMDB descarta apoio integral às reformas

O PMDB apóia o Governo. Sente-se representado na equipe do Governo — contando ainda com a certeza de que terá cargos nos segundo e terceiro escalões. Defende as reformas pretendidas pelo presidente Fernando Henrique, principalmente dos sistemas tributário e fiscal e da Previdência Social. Mas nada disso garante a unidade do partido na aprovação dos projetos a serem enviados ao Congresso, a partir de 15 de fevereiro. Lideranças do partido destacaram a receptividade de deputados e senadores aos discursos dos ministros sobre os interesses do Governo, mas sabem que na hora da discussão das propostas as divergências vão surgir.

“Os pronunciamentos não refletiram resistência até porque o Governo não fez nenhuma proposta tópica”, disse o presidente do PMDB, deputado Luiz Henrique (SC). Segundo ele, vai haver “abismos” sobre um ou outro assunto da reforma, mas as divergências serão muito menores que as convergências. “Os ministros nada fazem sem o Congresso. Este, sem o Governo, também não. Sem perder a independência, cada um tem de procurar trabalhar em parceria”, acrescentou. Luiz Henrique ressaltou que as reformas tributária e previdenciária têm “amplo respaldo no partido”. O resto, depende de muita discussão.

Sugestão — Para o vice-líder do PMDB, deputado Germano Rigotto (RS), as divergências não estão descartadas. “Discordâncias podem aparecer no momento de discutir o conteúdo das propostas”, disse. Rigotto repetiu o discurso dos ministros de que não existem projetos acabados, mas esboços que serão modificados durante as discussões com os partidos aliados. “Parece que o Governo não tem idéia, e não seria inteligente, de impor suas pro-

postas, vai mandá-las como sugestão”, acrescentou.

“O PMDB apóia o Governo, tem pessoas no Governo, mas esse relacionamento é semelhante a união de um casal: um tem compromisso com o outro, mas cada um tem sua identidade. Não será uma convivência de subserviência”, analisou o deputado Zaire Rezende (MG). A harmonia entre o PMDB e o Governo, acrescentou, depende do teor das propostas e, sobretudo, de uma ampla discussão, “a começar dentro do partido”. O atual líder da bancada na Câmara, deputado Tarcísio Delgado, avaliou como “média” a receptividade do partido no debate com os ministros.

Otimismo — “Em relação às propostas da área econômica senti uma aceitação razoável. Estou otimista de que caminharemos para a aprovação daquilo que for necessário para desamarrar o País”, avaliou o ministro do Planejamento, José Serra. Para o deputado Michel Temer (PMDB-SP), também candidato à liderança do partido, há hoje um clima receptivo, mas as propostas serão examinadas com cuidado. “Se houver necessidade de mudanças para garantir o plano de estabilização, vou atuar favorável”, disse.

Também na disputa pela liderança do PMDB, o deputado João Almeida (BA), confia na capacidade de contribuição do partido. “O grande desafio é deixar claro como vamos participar do Governo, ampliando os espaços políticos, com apoio, mas sem subordinação”, disse. Peemedebistas lembram que, por ser um grande partido nacional, o PMDB congrega pensamentos os mais diferentes. “A maior piada é dizer que o PMDB terá 107 votos de deputados. A unanimidade é inalcançável”, brincou um deputado de São Paulo.